

**UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA  
CENTRO DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS HUMANAS  
CURSO DE CIÊNCIAS SOCIAIS**

**TRABALHO DE CONCLUSÃO DE CURSO  
RELATÓRIO FINAL DE ESTÁGIO CURRICULAR PROFISSIONALIZANTE**

**Descobrimo a pluralidade interventiva do cientista social: reflexões  
sobre trabalho e empresa a partir da experiência de estágio curricular  
profissionalizante**

**GABRIELLA FIGUEIREDO DOS SANTOS**

**Florianópolis**

**2014**

**GABRIELLA FIGUEIREDO DOS SANTOS**

**Descobrimo a pluralidade interventiva do cientista social: reflexões  
sobre trabalho e empresa a partir da experiência de estágio curricular  
profissionalizante**

Trabalho de Conclusão do Curso de  
Graduação/ Relatório Final de Estágio Curricular  
Profissionalizante da Universidade Federal de Santa Catarina  
para a obtenção do grau de Bacharel em Ciências Sociais.

Orientadora: Profa. Dra. Maria Soledad Etcheverry Orchard

**Florianópolis**

**2014**

**Descobrimo a pluralidade interventiva do cientista social: reflexões sobre trabalho e empresa a partir da experiência de estágio curricular profissionalizante**

Este Trabalho de Conclusão de Curso/ Relatório de Estágio Curricular Profissionalizante foi julgado adequado para obtenção do Título de Bacharel em Ciências Sociais e aprovado em sua forma final pelo Programa de Graduação em Ciências Sociais da Universidade Federal de Santa Catarina.

Florianópolis, 23 de julho de 2014.

---

Prof. Jeremy Paul Jean Loup Deturche

Coordenador do Curso

**Banca Examinadora:**

---

Profa. Dra. Maria Soledad Etcheverry Orchard

Orientadora

Universidade Federal de Santa Catarina

---

Prof. Dr. Jacques Mick

Universidade Federal de Santa Catarina

---

Prof. Dra. Laura Senna Ferreira

Universidade Federal de Santa Catarina

## AGRADECIMENTOS

Agradeço primeiramente à Deus por ter me inspirado, me fortalecido e me protegido durante esses anos todos de minha jovem vida. E então, agradeço imensamente e infinitamente às pessoas mais importantes de minha vida, minha família que sempre me deu tanto amor. À minha avó Almerinda, que é como nossa segunda mãe. Ela é tudo, um exemplo de mulher forte e muito além do seu tempo. Costumo pensar nela como uma grande propulsora de coragem. Vovó não tem medo. Um dia desses ela me perguntou sobre alguma coisa e eu disse que não o fazia por medo, ela bem naturalmente me perguntou – “Mas como você tem medo se você nunca tentou? ” Ela sempre nos dá lições sábias, sempre está pronta pra tudo! Ela enfrentou e se preciso ainda enfrenta, tudo e qualquer coisa. Ao meu pai amado, pelo trabalho diário e suado para nos proporcionar a realização de muitos sonhos, ao apoio de sempre, aos exemplos de coragem, fortaleza, honestidade e alegria que sempre me deu. À minha mãe amada pela cumplicidade, presença, ao exemplo de mulher forte e sensível, ao caráter e compreensão, por me ensinar tão pacientemente a ler e calcular, também ao seu trabalho diário, nos ajudando a construir nossos sonhos. Meus pais são meus primeiros heróis, eles são o principal motivo pelo qual eu, mesmo as vezes sem tanta coragem, visto uma armadura imaginária e corro atrás das coisas, corro para a vida, tento novas coisas, aprendo, caio e aprendo de novo. É pelo sonho deles que eu hoje existo e quero sempre compartilhar meus sonhos com eles. Agradeço ao meu irmão amado, Matheus, pela paciência com uma irmã atrapalhada, apressada, mas as vezes o completo oposto disso e que mesmo assim, erra muito com ele. Lembro que quando me mudei pra Floripa, ele me escreveu um recadinho dizendo: “Eu só desejo que você seja feliz! ” E meu irmão, é o que eu tenho buscado todos os dias, ser um pouquinho mais feliz a cada amanhecer. Eu também só quero que você seja muito feliz! Você me faz querer ser uma pessoa melhor, e com fé, um dia eu chego lá!

Agradeço aos meus inesquecíveis amigos em Florianópolis, Ral por sempre me fazer girar e subir mais alto, meu sempre parceiro de dança e de ilha, Charlene por cuidar tão bem de mim, Giovana por abrir tantas vezes a casa pra mim, Raíssa por ser a melhor vizinha que uma pessoa pode ter e por ter se tornado como uma irmã pra mim, Thiago, Rari, Vinícius, Nattany, Rogeli, Giovana Lícia por compartilhar aquilo que ninguém tem coragem de dizer e por me ensinar a arte de ser uma pessoa organizada. À Thais, por ser minha fiel amiga nas horas mais inesperadas e improváveis. À Juliana por toda amizade e caronas de todas as emergências físicas, emocionais e climáticas. À minha amiga de vida, Giuliana, pela parceria na escrita, por todos os momentos por esse *mundão* e pelos que ainda virão. Aos meus amigos portugueses dos quais sinto tanta falta, aos amigos que fiz para a vida na Inglaterra, especialmente Cenk, Alex, Cansu.

Agradeço também especialmente à Marisol, minha orientadora que tão gentilmente me guiou por esses últimos tempos de graduação e não por acaso foi também minha primeira professora no primeiro semestre de faculdade. Reencontrá-la

depois de alguns anos, foi um passeio de minha memória à efervescência das introduções às Ciências Sociais. Obrigada pela confiança, por acreditar que eu conseguiria e pela disponibilidade, professora! Agradeço também à Miriam P. Grossi, professora inspiradora e orientadora de núcleo em anos passados. Miriam me ensinou muito além dos livros e teorias de gênero. Nunca me esquecerei de nossas conversas, de suas pequenas doses de lições diárias, de como me acolheu desde o início como sua aluna pela primeira vez. Seus crepes com Cidre também ficarão para sempre junto às memórias de meus dias em Paris ajudando a organizar mais um dos tantos eventos idealizados por você! O Concurso de Cartazes, os alunos e alunas do Papo Sério e da Pibic Ensino Médio e Beth Lobo entraram em minha vida por você, professora, muito me ensinaram e de alguma maneira sempre estarão comigo. Obrigada pela oportunidade, confiança e pelo exemplo de mulher competente e vocacionada à escolha. E agradeço ao professor Jacques, pois o aceite à participação nesta banca vai além deste fato. Acredito que não só pra mim, mas para a maioria daqueles que já tiveram aula com o Jacques, o consideram um dos melhores professores que já tivemos. Então agradeço, como aluna sempre em busca de inspiração, pelo compromisso que sempre demonstrou nas aulas, por não hesitar em nos desafiar, mas principalmente por nos ajudar a ver muito ainda além do que veríamos, se não tivéssemos suas aulas.

E por fim, mas não menos importante, ao meu amado Walter, que apareceu em minha vida para me trazer muitas alegrias, me ensinando a beleza de um amor construído diariamente. Obrigada por compartilhar seus sonhos e construir outros comigo. Ever thine, ever mine, ever ours!

“Há um tempo em que é preciso abandonar as roupas usadas, que já tem a forma do nosso corpo e esquecer os nossos caminhos, que nos levam sempre aos mesmos lugares. É o tempo da travessia: e, se não ousarmos fazê-la, teremos ficado, para sempre, à margem de nós mesmos.”

Fernando Pessoa

## **RESUMO**

Este Trabalho de Conclusão de Curso/ Estágio Curricular Profissionalizante tem como objetivo descrever e analisar a experiência de uma graduanda em Ciências Sociais, pela Universidade Federal de Santa Catarina, atuando como estagiária na área de coleta e análise de informação estratégica em uma empresa de Inteligência Competitiva e Pesquisa de Mercado. A fim de contribuir para as discussões sobre as possibilidades de atuação do profissional em áreas não acadêmicas, são discutidas algumas das dificuldades de inserção no mercado de trabalho, bem como as novas competências necessárias ao Cientista Social na atualidade e a formação de novas identidades profissionais.

**Palavras chave:** Cientista Social. Mercado de Trabalho. Identidade Profissional. Estágio Curricular Profissionalizante.

## **ABSTRACT**

This Coursework/ Curricular Internship aims to describe and analyze the experience of an Undergraduate student in Social Sciences, of the Federal University of Santa Catarina, working as an intern in the area of collection and analysis of strategic information. To contribute for the discussions about the possibilities of the professional practice in non-academic areas, are discussed some of the difficulties of the insertion in the labor market, as well the necessary present skills to the contemporary Social Scientist and the construction of new professional identities.

**Keywords:** Social Scientist. Labor Market. Professional Identity. Curricular Internship.



## Sumário

Introdução.....	10
Objetivos.....	22
Objetivo Geral.....	22
Objetivos Específicos .....	22
Conhecendo o campo, reconhecendo a teoria - os desafios do estágio .....	23
A busca pelo estágio .....	23
O contexto de trabalho .....	25
Descobrimo a pluralidade interventiva do cientista social .....	30
O caminho entre a competição e a legitimação - sobre a capacidade de interação, movimento e mudança das Ciências Sociais no estágio.....	33
Reflexão Final .....	36

## Introdução

O termo “interventivo” pode causar estranhamento, mas literalmente diz respeito a intervenção. Esta por sua vez, segundo a versão online do Dicionário Aurélio, trata-se da “ação de intervir”, “mediação”. E é justamente sobre pressupostos de interação, movimento e mudança, que se materializa a capacidade transformadora da atuação de um Cientista Social em diversos contextos e campos de relações. Sendo estas relações, diariamente negociadas, disputadas e ainda assim, dotadas de significativas capacidades plásticas e moldáveis. Como salienta o próprio Projeto Político Pedagógico do curso de Ciências Sociais, este possui “estrutura curricular direcionada à capacitação analítica, interpretativa e de intervenção na realidade social. (UFSC, 2006, p. 8)

É exatamente neste exercício de intervenção que se encontra o fio condutor para compreender a que se propõe este relatório – analisar a experiência de entrada de uma estudante de Ciências Sociais no mercado de trabalho, enquanto estagiária de uma empresa de Inteligência Competitiva e Pesquisa de Mercado Setorial. Entre fevereiro de 2013 e janeiro de 2014, trabalhei na “*Foxtec*”<sup>1</sup> na área de Coleta Estratégica de Informação (CEI), na cidade de Florianópolis em Santa Catarina, sul do Brasil. Criada em 2001, trata-se de uma empresa de pequeno porte (parte de um grupo de outras três empresas das áreas de tecnologia de games, publicidade e mídias sociais e ensino à distância) com aproximadamente 50 funcionários e prestadores de serviços externos. Atua na região sul (Santa Catarina, Paraná, Rio Grande do Sul), ainda atende projetos no Rio de Janeiro e Brasília.

A partir da reflexão de minha experiência, procuro à luz de algumas discussões teóricas, construir um Relatório Final de Estágio Curricular Profissionalizante a fim de contribuir não só com possíveis colegas, estudantes curiosos, engajados e em transição, mas também para o rol de discussões sobre a inserção e atuação de um Cientista Social fora do campo acadêmico.

Além da discussão sobre a inserção de uma estudante de Ciências Sociais em ambiente empresarial, trata-se da narrativa de minhas percepções atuando nas áreas de coleta e análise de informação estratégica, pesquisa de mercado e tendências de consumo e produção setoriais. Passando pelo levantamento de novas matérias primas, novos processos de produção, novas técnicas, soluções e novos nichos de mercado.

---

<sup>1</sup> A fim de preservar a identidade da empresa envolvida, Foxtec é o nome pelo qual tratarei o local que realizei o estágio. O mesmo vale para as pessoas citadas neste trabalho.

Atendi os setores de calçados, leite, apicultura, vestuário, agronegócio, tecnologia da informação, turismo, moveleiro, sustentabilidade, construção civil e economia criativa<sup>2</sup>.

O assunto em pauta é pouco pesquisado, mas sua importância é central para os Cientistas Sociais no reconhecimento de suas possibilidades de atuação ao enfrentar o mercado de trabalho. Outro fator que se mostrou importante ao longo da escrita desse Relatório é que ele pode contribuir para equilibrar as expectativas do egresso em relação ao legado que a universidade pode deixar em relação à sua entrada no mercado de trabalho. Uma vez que é bastante comum nos discursos de alunos e ex-alunos do curso, o quão saem da Universidade despreparados para o mercado de trabalho. Não pretendo fazer a defesa de lógicas inconciliáveis (alegando a mudança do itinerário universitário em detrimento das demandas do mercado), mas sim, através de minha experiência, de tentativas, erros e aprendizados, compartilhar o meu caminho de experimentos em busca da construção de minha trajetória profissional.

Então, na medida em que tudo que é vivenciado em uma experiência de estágio pode ser substrato para uma aspirante a cientista social, não pude deixar de fazer deste trabalho final, também um exercício de crítica analítica e de estranhamento. Nessa empreitada, tentei ter cuidado para não cair na armadilha de reificar minha experiência, seja a do período de estágio, ou seja a vivida na Universidade. Lembrando o que Gilberto Velho (1980) diz ser algo constante em nosso fazer, nos cabe “ir além da percepção das diferenças e mesmo dos conflitos para captar a lógica que define a especificidade da experiência de um sistema cultural particular.” (VELHO, 1980, p. 17) Ainda como o próprio autor reflete, este trabalho é de natureza interpretativa e nosso fazer enquanto profissionais desta área do conhecimento, permite que *interpretemos interpretações* e mais do que isso, que façamos a reflexão sobre a “maneira como culturas, sociedades e grupos sociais representam, organizam e classificam suas experiências.” (VELHO, 1980, p. 17)

Portanto, o exercício de estranhamento é anterior ao processo analítico, mas também constante ao mesmo. Lembro que desde minhas primeiras aulas de Ciências Sociais, fomos treinados, mobilizados e provocados a estranhar *tudo o que parecia comum* – tornar estranho o conhecido, “tornar o outro um estrangeiro” – lembrando bem

---

<sup>2</sup> Economia Criativa diz respeito aos processos que envolvem o uso de criatividade e capital intelectual como principais recursos produtivos (de serviços ou produtos). São exemplos, a Gastronomia, a Arquitetura, o artesanato, a Música, o desenvolvimento de softwares de lazer, o Design e a Moda.

de Malinowski (1976). Para uma estudante, esta é nota de cabeceira, assunto para *post-it* entre livros e cadernos. É algo que devemos ter em mente a todo momento, para não tropeçarmos no senso comum ou em nossa própria tão humana zona de conforto. Ainda evocando Gilberto Velho, para realizarmos nosso trabalho precisamos “permanentemente manter uma atitude de estranhamento diante do que se passa”, não só à nossa volta como com nós mesmos. (VELHO, 1980, p. 18)

Aproveitando o ensejo de reflexão e reconhecendo a importância da trajetória individual nas escolhas profissionais, não poderia deixar de compartilhar o caminho que me trouxe até aqui. Nasci em uma família de classe média, meus pais são daquelas pessoas batalhadoras que podem ser definidas por adjetivos como “força de vontade”, “coragem”, “otimismo” e “amor”. Depois de passarem por muitas dificuldades financeiras e emocionais construíram juntos uma família, ditada pela certeza de que o conhecimento, o estudo, é o maior bem que uma pessoa pode ter. Cresci ouvindo isso e ainda ouço: que o estudo melhora suas possibilidades de trabalho, que abre um horizonte imenso de oportunidades. Meu irmão e eu estudamos em um dos melhores colégios de São Paulo, que naquela época já era significativamente caro. Aquele era o dinheiro sagrado do mês. Até que fomos crescendo, a mensalidade subindo e a solução seria mudar de escola. Ao comunicarmos à coordenação, uma surpresa. Não fomos “autorizados” a sair do colégio. Não éramos alunos brilhantes, tínhamos boas notas, mas era um outro conjunto de coisas que nos fazia destacar. Nós aproveitávamos tudo o que aquele lugar poderia oferecer, éramos curiosos e muito esforçados. Sabíamos que não estávamos ali de graça e o valor ia além do monetário.

Resumindo, ganhamos bolsas de estudos até o final do Ensino Médio. Acredito que toda experiência escolar tem suas particularidades, sejam elas positivas ou negativas. Mas hoje posso reconhecer que boa parte do que sou é reflexo do que vivi naquele tempo de colégio. Sofri muito preconceito pelos colegas de classe, as pessoas não entendiam como poderia alguém que não era branca nem tinha cabelo liso, estudar no mesmo lugar que uma centena de *brancos de herança sanguínea azul*. Aos poucos eu fui me empoderando. A dança me ajudou muito nisso e foi quando eu comecei a ser percebida também no colégio.

Fui criada em meio a muitos livros em casa. Era frequente os passeios ao shopping terminarem na livraria Saraiva. Fui tomando gosto pela leitura, entendendo o que se passava na política, tentando sempre relacionar e reconhecer informação em

realidades bem simples e palpáveis. E então na 7ª série conheci o professor de Geografia, Paulo, que viria a me dar aula até o 3º ano do Ensino Médio. Paulo fez toda a diferença em minha jovem vida àquela altura. As lições de casa que passava semanalmente eram a escrita de um parágrafo crítico sobre algum assunto atual relacionado à Geopolítica. Como eu gostava daquilo, escrevia sempre mais que uma página e ele lia meus textos na sala de aula.

Lembro de meus primeiros dias convivendo com a ideia de cursar Ciências Sociais. Paulo nunca sugeriu que eu fizesse algum curso relacionado à área, mas ele me incentivava constantemente a pensar, a criticar, a organizar meu raciocínio, a escrever. Todos os alunos assinavam um jornal voltado para a preparação para o vestibular chamado, Mundo<sup>3</sup>. É uma publicação bimestral que traz as principais notícias e análise de acontecimentos políticos, sociais e econômicos. Foi lendo uma das edições que percebi e assumi que eu queria estudar e trabalhar com diferentes sociedades e culturas.

A Escola está mesmo entre as influências levantadas em uma pesquisa sobre o perfil do egresso do curso de Ciências Sociais da UFSC. Segundo dados colhidos em 2010, “(...) a Escola corresponde a aproximadamente 10% das influências, mais que partido político e movimento social (...)” (MICK, 2012, p. 373)

Nos primeiros anos da graduação, eu ainda não tinha um conceito sobre como seria meu futuro profissional. Como constata a mesma pesquisa –

Quando convidados a compartilhar as motivações que os levaram a cursar Ciências Sociais na UFSC, 78,5% dos entrevistados assinalaram ter ‘interesse pelo tema’. Somado a outras motivações como ‘entender a sociedade e contribuir’, ‘era o que eu queria’ e os que se interessaram pelo curso depois de terem ingressado chega-se a quase 80%. Isso demonstra a predominância de motivações que não estão relacionadas a crescimento socioeconômico ou a uma ideia de carreira profissional. (MICK et al., 2012, p. 372)

Realmente, a *sistematização* de um plano para construir uma carreira veio e está vindo com os anos, com as diferentes experiências que tive ao longo da graduação e com a exposição à outras áreas e possibilidades do fazer do cientista social.

---

<sup>3</sup> Jornal Mundo – para mais informações acesse: <http://www.clubemundo.com.br>

Procurei algumas bolsas na faculdade, mas como estava nas fases iniciais ainda não poderia me candidatar naquela ocasião. E então eu trabalhei alguns meses em uma loja de roupas em um shopping e depois comecei a dar aulas de Português para estrangeiros. No ano seguinte, surgiu uma seleção para o PET<sup>4</sup> interdisciplinar do curso de Serviço Social. Este foi o meu primeiro trabalho de extensão na UFSC, seguido por uma bolsa como tutora de um curso à distância de formação de mediadores para o combate ao uso abusivo de drogas.

Ao fim do meu segundo ano de faculdade, surgiu uma oportunidade que foi como um divisor de águas no que diz respeito à minha experiência acadêmica, mas também no âmbito pessoal. Seria uma outra bolsa de extensão para participar de um projeto no Núcleo de Identidades de Gênero e Subjetividades – NIGS. O Papo Sério, projeto de oficinas de discussão sobre gênero, sexualidades e violências nas escolas públicas da grande Florianópolis, foi minha porta de entrada para os estudos e à maior consciência de gênero. Já no ano seguinte, passei a ter uma bolsa de Iniciação Científica para pesquisar sobre Antropologias Contemporâneas e minha sujeita de análise foi justamente uma Antropóloga que dedicou sua vida às relações entre mulher e trabalho – era Beth, Elizabeth de Souza Lobo.

A professora Miriam Grossi, coordenadora do núcleo e referência na área, foi minha segunda figura de professora inspiradora. Ela é vocacionada e devota ao conhecimento aplicado a cada sujeito. É daquelas pesquisadoras que Bourdieu tão bem ilustra –

Os pesquisadores têm a missão (...) de restituir a todos o que descobrem em suas pesquisas. Nós somos, como dizia Husseil “funcionários da humanidade” pagos pelo Estado para descobrir coisas sobre o mundo natural ou social e faz parte de nossas obrigações a de restituir à sociedade o que nós adquirimos em nosso trabalho intelectual. (BOURDIEU, 1996, p. 16)

No núcleo aprendi sobre o respeito à produção de conhecimento e ao compromisso que um cientista social firma consigo e com a sociedade. Entre reuniões, grupos de estudos, organizações de oficinas e eventos, além da teoria para embasar nossos argumentos, aprendi sobre meu posicionamento enquanto mulher em uma

---

<sup>4</sup> PET: Programa de Educação Tutorial, promovido pelo Governo Federal oferece bolsas de pesquisa, ensino e extensão para alunos de Universidades públicas desenvolverem projetos sob a orientação de um professor tutor.

sociedade que nos coloca à prova diante de diversas situações machistas e sexistas. Aprendi sobre planejamento de carreira, sobre projeção de imagem profissional, sobre *networking*, sobre organização de eventos, sobre a importância da reciprocidade, sobre disciplina de trabalho e sobre a importância de estar sempre preparado. Confesso que a maioria do que hoje reconheço como aprendizado não foi percebido enquanto eu trabalhava no núcleo. Mas desde que me desliguei (quando fui fazer intercâmbio), não houve e não há um só dia em que eu não me lembre e perceba *os efeitos do NIGS sobre mim*.

Percebo entre meus colegas de curso que estes movimentos (entre núcleos e bolsas) são bastante comuns atualmente entre os graduandos. Segundo artigo “ O estágio no curso de Ciências Sociais: algumas experiências recentes” (GROSSI et al., 2006, p. 15 e 16), na UFSC, a maioria dos estágios são em núcleos de pesquisa na própria universidade. Contudo, não esqueçamos que nos últimos dez anos este cenário vem ampliando-se muito em decorrência de novos programas do governo e parcerias entre núcleos e instituições privadas. (MICK et al., 2012, p. 2012)

Hoje, ao final da graduação eu repasso em memória recente a quantidade de histórias que li, ouvi, escrevi, transcrevi, interpretei, questionei, reeditei e vivi. Histórias diárias, contos de cotidianos que se cruzam e fazem parte de uma colcha bastante rica em detalhes e retalhos. Colcha que representa minha própria trajetória enquanto graduanda de Ciências Sociais, colcha flexível, moldável à superfície, mas carregada de sentidos bastante fiéis e profundos.

Neste mesmo exercício de reflexão, torna-se mais claro o quanto a Universidade faz parte de um período de mudanças singulares em uma pessoa. Ali são abrigados indivíduos que estão em busca do próprio posicionamento no mundo, é lugar que presencia e proporciona transições e portanto, conflitos e maturações. É lugar de experimento. E este não existe sem o aprendizado teórico, que antecede a atuação de fato.

Porém sempre haverá um limite tênue entre o que essencialmente se propõe a universidade - que como o próprio nome diz, provê formação universal - e o caráter de produtividade de uma empresa. Mesmo que este produto passe pela categoria do não tangível, mas ainda assim gere valores. Como mesmo comenta a pesquisa dirigida por Jacques Mick (2012, p. 381) – “o papel da universidade não é o de capacitar força de trabalho”.

Seguindo, volto a esta discussão em outro momento, ao falar sobre o contexto de trabalho de meu estágio.

Minha aproximação com outras áreas do conhecimento, foi primordial para o despertar de meu interesse no que gostaria de chamar de alargamento de fronteiras do “fazer teórico”. Sempre fui muito curiosa, por isso procurei criar novas oportunidades para ampliar meus conhecimentos e escolhi cursar aulas de Comunicação e Estudos Culturais em Portugal, durante um intercâmbio de seis meses na Cidade do Porto, em 2011. Foi um privilégio e um exercício bastante desafiador poder experimentar outras perspectivas, aprender e estagiar em um jornal local. Ali, comecei a perceber onde éramos capazes de chegar. Todos tinham como pressuposto que eu era uma estudante de Jornalismo ou Comunicação, e quando dizia que meu curso em formação era Ciências Sociais, a pergunta mais comum era – “E o que você está fazendo aqui? Ou lá? ” No início, até eu mesma sentia um pouco desta confusão, mas com o tempo eu passei a tomar posse daquela elasticidade que minha formação me permitia, e desde então, não parei.

Hoje reconheço este movimento entre áreas com muita tranquilidade e pode estar aí uma particularidade de nossa profissão.

As oportunidades envolvem a inserção do Cientista Social em áreas vizinhas, não para atuarem da mesma maneira, mas para agirem de acordo com os conhecimentos adquiridos em sua formação, o que particulariza sua atuação e o qualifica na conquista dessas áreas. (...) Eles ingressam nessas áreas recortando o trabalho pelo enfoque da profissão de Sociólogo e disputam a função atribuindo-lhe uma conotação sociológica. (MICK et al., 2012, p. 350)

A minha busca pelo estágio se enquadra nessa trajetória de alargamento de horizontes, e com um diário de campo em mãos encarei esse novo desafio. Tinha que fazer registros das minhas vivências na empresa, sabendo que posteriormente as anotações serviriam de base para alimentar um relatório de estágio. Fruto dessa estratégia, quase cotidiana na empresa, posso agora contar, entre os instrumentos utilizados para o desenvolvimento deste relatório, com minhas anotações e diários de campo, bem como com o material utilizado para pesquisa dos diferentes mercados no dia a dia de trabalho. Contudo, além da análise de experiência e cenário vivenciado,



contarei com embasamento para a discussão de problemáticas à luz de um aporte teórico. Por meio de pesquisa bibliográfica, foi realizado um rastreamento entre fontes que debatem os temas que circundam a questão – a inserção e atuação do Cientista Social no mercado de trabalho não acadêmico.

Enfatizo o lugar determinante deste tipo de discussão. Analisar o contexto de inserção profissional do Cientista Social é reeditar seu papel em meio a tantas mudanças sociais que temos vivenciado nos últimos anos. A descrição de minha trajetória, vivenciada em um ambiente de mercado, pode trazer pistas para o entendimento sobre mudanças de papéis e identidades profissionais. Uma vez que, pelo menos no Brasil, o cientista social ficou atrelado principalmente à vida acadêmica ou de maneira geral, no setor da educação.

Diante de uma infinidade de possibilidades e arranjos laborais, diferentes áreas do conhecimento têm se complementado de maneira exponencial – “Não se trata de fazer o trabalho de outra profissão, mas de trazer a atividade para o campo (...)” das Ciências Sociais. (MICK et al., 2012, p. 351) A competitividade no ambiente de mercado demanda especializações em outras áreas complementares ao curso de Ciências Sociais, apesar de que o egresso do curso, já pode aproveitar a ampla formação que proporciona uma graduação como esta na UFSC, que promove a formação em três áreas disciplinares – Sociologia, Antropologia e Ciência Política. Esse aspecto da formação propicia a esse profissional, em princípio, ser capaz de intervir sob diversos aspectos e setores, desde o acadêmico, como já conhecemos, até empresas de Inteligência Competitiva, estratégia de mercado, agências de Publicidade e Propaganda, órgãos de segurança governamental, tecnologia, entre outros.

Apesar dessa formação em três áreas disciplinares, existe uma busca por formação complementar, geralmente através de uma pós-graduação, e essa trajetória de avanço na carreira acadêmica não é comum somente ao grupo que busca atuação no mercado. De modo geral, a graduação não faz o cientista social sentir-se hábil para o trabalho. Mick (2012) menciona Schwartzman (2009) e “critica a situação débil que se encontra a formação superior para a profissão, em que tendo o diploma na mão o cientista não é considerado apto a exercê-la, o que leva a buscar o curso de pós graduação” (MICK et al., 2012, p. 349). E ainda cita o mesmo autor argumentando que apesar de não ser comum nas Ciências Sociais, no Brasil, ainda é o título de graduação que capacita para o exercício legal das profissões.

Na literatura atual, alguns autores sustentam que as fronteiras de atuação de um profissional portador de um estereótipo de pura produção intelectual, têm se afrouxado significativamente e encontrado na transversalidade a chave para uma atuação no mínimo interessante e produtiva. No Brasil, esse movimento de atuação de cientistas sociais no mercado<sup>5</sup> não acadêmico tem sua origem, já um tanto peculiar<sup>6</sup>, ainda nos anos iniciais do surgimento dos primeiros cursos brasileiros de Ciências Sociais em São Paulo, na Escola Livre de Sociologia e Política (ELSP), em 1933 e um ano depois, na Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras da Universidade de São Paulo (USP). (BONELLI, 1993)

É na estrutura embrionária do sistema profissional brasileiro que vai surgir a profissão de Cientista Social. Neste espaço, ela vai se inserir e disputar áreas de atuação. Além das atividades profissionais apresentadas como objetivos dos cursos da ELSP e da USP, as Ciências Sociais estiveram entre as primeiras profissões superiores a colocar sua marca no incipiente mercado de trabalho intelectual. Já na década de 30, as conexões entre a formação acadêmica e a área de difusão cultural atraíam cientistas sociais para jornais, revistas e editoras, como jornalistas, ensaístas, críticos (...) A trajetória ocupacional da profissão no Brasil teve seus alicerces construídos nesta época.

A ausência de possíveis competidores numa posição mais sólida representou, para as Ciências Sociais, a oportunidade de ocupar os espaços profissionais.

(...)

Na década de 30, ainda não existia um curso superior de Comunicação, nem o de Economia e a nascente Administração estava acoplada à Finanças e Contabilidade. Todos esses cursos vão, posteriormente, disputar e conquistar atividades que estavam sendo desempenhadas por pessoas formadas nas escolas existentes, destacando-se a de Ciências Sociais. (Bonelli, 1993, p. 89-90)

---

<sup>5</sup> A dificuldade de identificação do papel do cientista social não se dá apenas no contexto do mercado, até mesmo na educação são comuns os relatos de estagiários e professores do Ensino Médio a respeito da complexidade do reconhecimento de seus fazeres, habilidades e funções.

<sup>6</sup> Historicamente, a problemática em relação à legitimação diz respeito à trajetória extremamente crítica das Ciências Sociais na América Latina, característica que dificulta o mercado a incorporar este tipo de profissional nas demandas de trabalho. Paralelamente, há pouco reconhecimento do papel e das habilidades que um cientista social conquista em sua formação.

É relevante destacar que eventualmente o cientista social atualmente compete com muitas outras áreas. Maria Bonelli (1994) ainda esclarece que –

As Ciências Sociais, como qualquer outra profissão, enfrentam competição direta com seus ‘vizinhos’. Em termos concretos, disputam-se objetos de estudo, vagas no mercado, formas específicas de abordar realidades que qualificam mais a profissionais de uma área que outra. Disputa-se também a regulamentação que determine o monopólio do exercício das atividades profissionais. (BONELLI, 1994, s/p)

Nos recrutamentos de empresas é muito comum que essa disputa por um posto de trabalho aconteça entre candidatos de Psicologia, Publicidade e Propaganda, Relações Internacionais, Administração, Serviço Social, Engenharia de Produção, entre outros. Lembrando ainda de outros casos em que as classes *fecham* seus campos ao ingresso de profissionais de outras formações, que poderiam exercer funções equivalentes e/ou complementares. Isto ocorre uma vez que é próprio da definição e luta por um campo, a exclusão de outros e o estabelecimento do que é exclusivo de cada área.

Embora haja dificuldade do mercado na identificação de suas habilidades profissionais, o fazer do cientista social continua revelando ao longo do tempo sua capacidade de interação, movimento e mudança, como bem discute Bonelli (1993). Ao exercer sua intervenção para apropriar-se do campo em questão, é capaz de explorar em princípio as diversas possibilidades de atuação e versões que permitem seu papel.

O cotidiano e a história individual do cientista social parecem influenciar a sua atividade de maneira decisiva. Ser um cientista social, neste sentido, é estudar o mundo e a si mesmo como um agente que, além de inserido neste mesmo universo pesquisado, é um produto das forças sócio- históricas. (ALMEIDA, 2009, p. 122)

Frequentemente o cientista social estará em interação com profissionais de outras áreas e nesta condição a sua inserção propiciará um experimento constante e reflexivo de sua prática. Cabe destacar que em minha vivência, este reposicionamento foi um desafio cotidiano. Como uma estudante que buscava o entendimento daquele

universo que parecia tão avesso à Universidade – a empresa – eu também procurava pelo meu próprio lugar como cientista social neste contexto de interação profissional. Sim, eu procurava pelo meu lugar no mundo, lembrando de Bourdieu, e ainda, buscava me reconhecer.

Refletindo, inspirada por Wacquant (2006, p. 23) em “Seguindo Bourdieu no campo”, sobre minha experiência de estágio, posso dizer que foi uma clara ilustração de que a bagagem teórica adquirida ao longo da graduação, se cruzou mais do que nunca com as experiências que me levariam às escolhas e mudanças em minha trajetória. Pude perceber o amadurecimento de meu olhar em relação ao percurso formativo em Ciências Sociais.

Conhece-se melhor o mundo à medida que melhor conhecemos a nós mesmos, que o conhecimento científico e o conhecimento de nós mesmos e da nossa própria inconsciência social avançam de mãos dadas, e que a experiência primária transformada em e através da prática científica modifica a prática científica e reciprocamente. (BOURDIEU, 2003, p. 289)

A partir deste momento, minhas expectativas de futuro em termos de inserção laboral foram modificadas. A trajetória acadêmica que antes seria algo quase que inevitável, hoje sem descartar esta possibilidade, percebo a inserção do cientista social no meio corporativo como uma alternativa desafiadora e fecunda, inclusive.

Vale, assim, mergulhar um pouco mais em alguns dos meandros que caracterizam os processos de trabalho em uma empresa. Lembro que esta e as outras reflexões teóricas suscitadas nesse Relatório, são motivadas pelo dever interpretativo, analítico de um cientista social. Porém ainda mais pelo de uma estudante de Ciências Sociais, que procura exercitar e significar seu fazer de aprendiz.

Considerando a reflexão sobre um dos modelos organizacionais em contexto contemporâneo adotando a perspectiva de que vivemos em uma realidade informacional, torna-se importante reconhecer as mudanças nas estruturas ocupacionais. As novas tecnologias possibilitaram não só um rearranjo da geração e da gestão da informação, mas também dos indivíduos por trás dos processos diários de trabalho. Aqui não faço referência somente aos cientistas sociais quando sugiro a necessidade de possíveis novas combinações de competências à atuação em ambiente não acadêmico. Como defende Castells (1999), a economia e sociedade informacionais exigem o desenvolvimento de novas capacidades laborais. Independente do segmento, além da

flexibilidade e ‘prontidão para o imprevisto’, características como autonomia, criatividade, familiaridade com ferramentas tecnológicas, são alguns dos fatores determinantes na escolha de um candidato.

Portanto, atualmente, para além do produto final, no capitalismo flexível, como bem discute Sennett (1999), enfatiza-se a flexibilidade não só nos processos de trabalho, mas também nas trajetórias. Um funcionário com um background diverso supostamente estaria preparado para mudanças de planejamento de última hora, prazos curtos, pressão e para assumir riscos. Esta é uma das consequências pessoais da nova Ideologia do Trabalho. Segundo Gomes (2002), essa nova ideologia do trabalho se reveste de um discurso sedutor, da autonomia, da criatividade e do reconhecimento das competências do trabalhador flexível, mas por outro lado encobre o risco e a vulnerabilidade desse mesmo trabalhador, sobretudo daqueles com menos recursos para enfrentar os desafios e demandas desse mercado.

Sennet (1999) expressa essa situação nos seguintes termos,

É bastante natural que a flexibilidade cause ansiedade: as pessoas não sabem que riscos serão compensados, que caminhos seguir. (*Idem*, p.9)

(...)

Por esse motivo é que o risco é bem diferente de um alegre cálculo das possibilidades contidas no presente. A matemática do risco não oferece garantias, e a psicologia do correr risco se concentra muito razoavelmente no que se pode perder. (*Idem*, p. 96)

(...) estar em risco é inerentemente mais deprimente que promissor. Permanecer num estado contínuo de vulnerabilidade é a proposta que, talvez sem saber, os autores dos manuais de negócios fazem quando celebram o risco diário na empresa flexível. (*Idem*, p. 97)

Por outro lado, como diz Castells (1999, p. 281) há ainda a “(...) diversidade dos perfis profissionais entre as sociedades”. Isto é, as diferenças geralmente seguem as estruturas ocupacionais do respectivo país. Esse é um dado relevante, mas o panorama da flexibilização das relações de trabalho se constitui nesse discurso que se torna hegemônico e que se traduz em práticas que ultrapassam os países. Ou seja, diz respeito a uma mudança com amplitude global, guardadas as especificidades de cada país. E nessas novas práticas da chamada flexibilização das relações de trabalho e das trajetórias é reiterado pelos autores (Gomes, 2002; Castel, 1998, entre outros), que essa

adequação aos percursos flexíveis não se aplica a todo indivíduo. Diante da instabilidade das carreiras, as possibilidades de inserção dependem também dos recursos disponíveis a cada um para se sustentar nos períodos de incertezas entre as transições. Como é salientado, “(...) exige uma completa incursão num emaranhado de idade, origem de classe dos pais, raça, educação e simples sorte.” (SENNETT, 1999, p. 101) Considerando que a flexibilidade implique incertezas e portanto riscos, a tentativa de experimentar o novo, o desconhecido, na maioria das vezes se dá por questões financeiras, segundo pesquisas apuradas por Richard Sennett.

Por outro lado, na geração passada, a estabilidade empregatícia era estimulada por ‘valores’ como segurança na empresa ou ainda por um compromisso pessoal com a companhia. (Idem) Interessante perceber como os parâmetros modificaram-se e adaptaram-se à essa *teia frouxa* que tem sustentado as dinâmicas de trabalho na atualidade em meio não acadêmico. Pode-se dizer que “(...) a mobilidade ocupacional nas sociedades contemporâneas é muitas vezes um processo ilegível” (Idem). Hoje, o mundo do trabalho requer dessa espécie de desapego *e ousadia*, quase uma premissa para a própria possibilidade de inserção laboral.

Tendo estas questões por base é que me propus neste relatório a descrever e analisar minha experiência de estágio como estudante de Ciências Sociais, atuando na área de coleta e análise estratégica de informação. E, partir dessa vivência, refletir sobre os desafios da inserção laboral do cientista social na atualidade, as competências necessárias, refletir sobre a demanda por formação de novas identidades profissionais.

## **Objetivos**

### Objetivo Geral

- Descrever e analisar minha experiência de estágio como estudante de Ciências Sociais, atuando na área de coleta e análise estratégica de informação. E partir dessa vivência, refletir sobre os desafios da inserção laboral do cientista social na atualidade.

### Objetivos Específicos

- Contribuir para as discussões sobre as possibilidades de atuação do Cientista Social em diversas áreas não acadêmicas

- Discutir as dificuldades de inserção do Cientista Social no mercado de trabalho, a partir de minha experiência de estágio
- Explorar algumas das possíveis combinações entre as novas competências necessárias ao Cientista Social na atualidade, e a formação de novas identidades profissionais. Considerando como referencial, as reconfigurações de meu fazer enquanto estudante de Ciências Sociais em período de estágio

## **Conhecendo o campo, reconhecendo a teoria - os desafios do estágio**

### A busca pelo estágio

#### **Processo Seletivo**

O processo seletivo, intermediado por uma empresa de Recursos Humanos, foi composto por cinco etapas de avaliações. A primeira, triagem dos currículos, que uma vez selecionados, levariam o candidato à uma prova de conhecimentos gerais, realizada online. Então, os eleitos foram convocados para uma dinâmica de grupo. Chegando ao local, já era visível a atmosfera de tensão e competição entre os candidatos. Havia pessoas cursando Jornalismo, Administração, Psicologia, Publicidade e Propaganda, e eu era a única estudante de Ciências Sociais.

Resumidamente, as dinâmicas consistiam na simulação de situações e projeção de possíveis cenários envolvendo diferentes sujeitos e enredos. Passados alguns dias, fui chamada para uma conversa com uma psicóloga. Aquele seria o momento decisivo para a minha indicação para a empresa, ou não. Mas eu estava bastante tranquila e pude perceber que aquela etapa tratava-se do mapeamento de meu perfil pessoal e profissional. Foram feitas perguntas diretas sobre como eu reagiria, agiria, o que eu falaria, que decisão tomaria, enfim.

Alguns dias depois, mais um telefonema e eu havia sido selecionada para a entrevista final na empresa, com outra psicóloga, a coordenadora do RH e minha futura gestora. A primeira impressão que tive ao chegar no local foi de grande estranhamento. Quando se está acostumada ao ambiente universitário, o mundo corporativo é completamente oposto, primeiro em questões estéticas, mas também em questões de dinâmicas de trabalho.

Bom, esta última etapa me levou à vaga e posso dizer que fui avaliada em inúmeros quesitos. Desde minha roupa, minha postura, a aparência de minhas unhas e cabelos, até a última linha de meu curriculum fui convidada a descrever com detalhes e por fim, o foco principal da entrevista foi bastante objetivo – métodos de pesquisa e

como aplicar à produtos e serviços a Inteligência Competitiva. Mesmo que o termo nos remeta a algo previsto, uma vez que todo processo de competitividade presuma estratégia e sim, uso de uma *inteligência*. Não podemos tomar isso como pressuposto a partir de nosso ponto de vista analítico.

Mas ainda assim, reconhecendo que esta parece ser uma área em consolidação como o Novo Capitalismo, onde tantas lógicas estão inseridas, o termo Inteligência Competitiva também não me era familiar. Mas, quando soube o nome da empresa durante o processo seletivo, fui em busca de mais detalhes sobre sua atuação. E seguindo o ritual de preparação para uma entrevista de emprego, li artigos, assisti vídeos, pesquisei o perfil profissional de alguns funcionários da empresa no LinkedIn, enfim, comecei a me inteirar sobre aquele campo. Sabe-se que as maiores empresas do mundo, incluindo as 500 maiores empresas norte-americanas, têm departamentos dedicados somente ao monitoramento de concorrentes, riscos e possibilidades de investimentos e inovações, segundo o economista Carlos Hilsdorf<sup>7</sup>.

Inteligência Competitiva é uma metodologia que prima pela análise do cenário (econômico, social, comportamental) que envolve um produto, um serviço ou uma empresa. Estuda-se as possíveis oportunidades e ameaças, mapeando por exemplo, a aceitabilidade, a viabilidade, a lucratividade, o grau de inovação de um produto. Ainda é imprescindível que se tenha conhecimento profundo sobre os consumidores, clientes e concorrentes. Feito o mapeamento de informações, o próximo passo é definir diferenciais estratégicos de ação a partir da projeção de possíveis cenários mercadológicos.

Seria meu primeiro trabalho em uma empresa em uma área que sempre tive bastante interesse e fiz questão de demonstrar o quanto estava disposta a aprender, acima de tudo.

## **Os primeiros dias**

O primeiro dia de trabalho começou com algumas horas de “Integração”. Fui apresentada à toda a empresa, o que costumam chamar de “Volta Olímpica”. O coordenador de estágio acompanha o novo funcionário e o introduz a cada setor. Também conheci o trabalho da companhia como um todo, os serviços e produtos que entrega, os clientes, os departamentos, as políticas, etc.

E então, fui recepcionada pela equipe de trabalho da qual faria parte – CEI: Coleta Estratégica de Informação. Era uma equipe composta somente por mulheres,

---

<sup>7</sup> Segundo economista Carlos Hilsdorf em artigo sobre Inteligência Competitiva para o site Administradores. Fonte: <http://www.administradores.com.br/artigos/negocios/o-que-e-inteligencia-competitiva/44824/> - último acesso em 29 de junho de 2014.



aliás a grande parte da empresa é formada por elas. Os olhares pareciam curiosos e todas vieram me dar um abraço de boas vindas.

Meu treinamento em métodos de pesquisa começou ali mesmo. Eu iria substituir uma funcionária que estava se mudando de volta para São Paulo, que apesar de não ser estagiária, eu faria o trabalho dela. Isto foi algo bom, Laura era uma excelente e experiente profissional, especializada em *Cool Hunting*<sup>8</sup>, que me ensinou em uma semana, muito do que faz diferença em meu trabalho hoje.

Em nossa equipe, e na empresa, eu era a única da área de Ciências Sociais. Havia Relações Públicas, Administração, Publicidade e Propaganda, Biblioteconomia, Economia, mas todas me receberam com bastante disponibilidade para conhecer sobre o que eu poderia contribuir para aquele trabalho. Minha primeira gestora também foi peça fundamental em meu desenvolvimento e aprendizado. Paula foi uma líder exemplar, sabendo fazer emergir o melhor de cada uma na equipe, além de lançar desafios constantemente. Além disso, eu me sentia instigada a questionar toda e qualquer possibilidade, todo e qualquer cenário. Paula me ensinou a importância da pluralidade de possibilidades e arranjos no comportamento de mercado, e mais do que isso, ela me dava espaço para experimentar, pesquisa à pesquisa, o ponto de vista de um Cientista Social e encontrar minha maneira particular de fazer aquilo.

### O contexto de trabalho

Com ambiente de trabalho bastante agradável, a Foxtec seguia as tendências das empresas de tecnologia e agências de Publicidade e Propaganda, por exemplo. Havia uma sala de lazer com jogos como sinuca e vídeo game, além de uma *sleep room*<sup>9</sup>, usada para pequenas pausas durante o dia ou no horário de almoço. Tínhamos ginástica

---

<sup>8</sup> *Cool Hunting* é a profissão destinada a identificar tendências em diversos segmentos da economia, através da observação de hábitos, gostos e interesses. É um caçador das tendências que movimentaria determinados nichos de consumo. Para entender um pouco mais sobre o Cool Hunting, acesse -<http://info.abril.com.br/noticias/carreira/que-profissao-e-essa-cool-hunter-22062012-5.shl> – Último acesso em 15 de maio de 2014.

<sup>9</sup> *Sleep Room*, como a própria tradução literal do termo sugere, é uma sala para dormir, mas em contexto corporativo diz respeito à uma sala para breves descansos (*naps*) após o almoço ou mesmo para pequenas pausas durante o dia. Pesquisas apontam que o sono aumenta e melhora a memória, o rendimento, o senso de decisão e o humor. Conheça alguns exemplos de empresas que começaram a adotar a prática fora do Brasil - [http://www.businessweek.com/magazine/content/10\\_36/b4193084949626.htm](http://www.businessweek.com/magazine/content/10_36/b4193084949626.htm) – Último acesso em 15 de maio de 2014.

laboral diariamente, em um ambiente descontraído. Semanalmente tínhamos sessão de *quick massage*<sup>10</sup>. Além de palestras e *workshops* sobre saúde, bem estar e alimentação. Havia campanhas, onde auferia-se a pressão, pesava-se, media-se a flexibilidade e ainda o condicionamento físico. Antes e depois do almoço tínhamos alguns minutos livres para comermos frutas que eram oferecidas na sala de lazer da empresa. Essa era outra dinâmica diferente do costume universitário, no itinerário das cantinas e da dieta à base de pão de queijo e café, muito café.

Não poderia deixar de salientar o uso dessas terminologias em inglês, que fazem parte dos discursos que incorporei pelo meu senso prático, mas não posso negar a necessidade de distanciamento, enquanto estudante de Ciências Sociais. São nomenclaturas incorporadas e naturalizadas no ambiente empresarial, passando muitas vezes despercebidas. Incorporadas pelas novas práticas da Administração, têm o intuito de melhorar a produtividade e o desempenho do funcionário no ambiente de trabalho. Mas sua origem é norte-americana e cabe o estranhamento do motivo da não tradução dos termos e sim a simples transferência deste tipo de denominações e de atividades para outros contextos. Cria-se, assim, todo um vocabulário de novas práticas organizacionais que são incorporadas ao cotidiano das empresas, e que quando faladas no idioma inglês parecem ganhar legitimidade no seu propósito.

A questão da saúde e estética era uma preocupação visível como um todo, e comecei a perceber isso logo em meu primeiro dia quando vi que no banheiro feminino havia uma balança. Não pude deixar de notar, enquanto estudante de Ciências Sociais – no mundo corporativo, a aparência fala antes de toda e qualquer pauta importante. Como reflete Gomes (2002) –

Se retomarmos a ideia de que existem sempre lógicas em competição e que os indivíduos têm percepções e interesses diferenciados, atribuindo portanto significados diferentes aos recursos que possuem e que estão na pauta da troca (na oferta e demanda de trabalho), devemos também alertar-nos para o próprio sentido dado a uma orientação para o trabalho, para a carreira, ou

---

<sup>10</sup> Quick Massage, como a própria tradução diz é uma “massagem rápida” de duração entre cinco e dez minutos para aliviar tensões derivadas de esforços repetitivos ou de rotinas laborais. Conheça outras práticas de aumento de rendimento em empresas - <http://greatist.com/health/healthiest-companies> – Último acesso em 15 de maio de 2014.

para o sucesso a partir do gênero, quando pensamos em empregabilidade.  
(GOMES, 2002, p. 88)

A questão estética, então, pode ser tratada como um fator competitivo se a considerarmos com um dos valores simbólicos que contribuem para a construção da “aparência do sucesso” como caráter legitimador. (GOMES, 2002, p. 88)

Participávamos de treinamentos constantes, exercícios de motivação e liderança. O espírito empreendedor era largamente incentivado junto às oportunidades de crescimento profissional. A cultura participativa corporativa realmente era um elemento novo para mim. Desde meu primeiro dia de contratação, quando recebi o “*Manual do Talento*<sup>11</sup>”, era recorrente o estímulo à criatividade, inovação e a solução de possíveis problemas. Por parte dos gestores, um traço marcante parecia ser o estímulo à proatividade e ao senso de responsabilidade pelo todo. O foco não era a maneira como seria realizado o trabalho, mas sim se seria realizado. Semanalmente revezávamos quem faria *home office*<sup>12</sup> na sexta feira, por exemplo. O produto final era o mais importante e não o percurso até lá, uma vez que este seria traçado de maneira singular por cada funcionário. Como bem ilustra e situa Castells (1999) sobre este novo tipo de empresa envolvido nas novas práticas da Administração, no novo capitalismo –

A própria empresa mudou seu modelo organizacional para adaptar-se às condições de imprevisibilidade introduzidas pela rápida transformação econômica e tecnológica. A principal mudança pode ser caracterizada como a mudança de burocracias verticais para a empresa horizontal. A empresa horizontal parece apresentar sete tendências principais: organização em torno do processo, não da tarefa; hierarquia horizontal; gerenciamento em equipe; medida de desempenho pela satisfação do cliente; recompensa com base no desempenho da equipe; maximização dos contatos com fornecedores e clientes; informação; treinamento e retreinamento de funcionários em todos

---

<sup>11</sup> Manual do Talento é uma espécie de guia que novos funcionários recebem com instruções a respeito do funcionamento da empresa, programas de benefícios, bônus de rendimento, bem como sobre o perfil de profissionais que buscam reter, etc.

<sup>12</sup> Home office é um termo que pode ser traduzido como “escritório em casa”. Trata-se da não necessidade de trabalhar no espaço físico da empresa, mas executar as tarefas de casa, normalmente em comunicação pelo computador com os outros membros da equipe.

Assim que eu iniciei meu trabalho como pesquisadora, fazia um roteiro prévio, uma versão adaptada do que seria um Projeto de Pesquisa. Fazia a contextualização geral do tema, o levantamento das principais fontes, procurava outras influências que por ventura modificariam o curso do produto, serviço ou fenômeno de mercado. Fazia as principais perguntas que contemplariam o relatório e ainda procurava sugerir ações e projetar cenários. E esse era o meu guia, que passou a ser também o modelo que todos os outros pesquisadores deveriam seguir antes de começar a coleta e análise de informações. Esta é uma habilidade que atribuo à formação em Ciências Sociais. Uma vez que aquele não se tratava de um saber puramente técnico, mas uma forma de construir um roteiro lógico para análise dos dados, uma forma de olhar cada cenário. E assim sendo, não foi por acaso que fui contratada. Talvez meu papel na equipe tivesse sido pensado justamente para contribuir a partir dessa particularidade da minha formação, isto é, uma forma de olhar que produz um conhecimento contra intuitivo, que produz desconforto e nunca certezas. Desde a primeira aula somos convidados insistentemente a aprender a olhar tudo e qualquer coisa a partir de diferentes lentes, ir sempre além do senso comum refutando as pré noções e perspectivas naturalizadas que são assumidas de forma irrefletida. Foi esta perspectiva que eu procurei incutir nos colegas de atividade e fui reconhecida por isso, uma vez que anterior à minha participação, essa investigação era feita de forma pouco sistemática. Mesmo porque tempo é uma tônica no contexto empresarial e aliar qualidade, refinamento de conteúdo e rendimento nos processos de trabalho é também um desafio cotidiano.

Outro ponto que me chamou atenção foi conhecer e começar a entender um pouco mais sobre a dinâmica empresarial, que sim, tem pontos em comum com os trâmites acadêmicos, mas ainda assim, tem tom e ritmo diferentes. Parece-me que em uma empresa, as questões, sejam elas da ordem que forem, são resolvidas com maior rapidez e assertividade, mesmo porque as instâncias a serem contempladas são de diferentes ordens. Encontrei e aprendi que é necessário imprimir objetividade nos processos e nos discursos, um aspecto que não conheci nas Ciências Sociais, no ambiente acadêmico. Na produção de conhecimentos no ambiente acadêmico é demandado, por força da necessidade da argumentação e legitimação científica, posicionar-se em diálogo com muitas perspectivas, para a produção de discursos densos

de conteúdo e rigorosos nos seus procedimentos, para estes serem autorizados. No ambiente empresarial, tempo significa dinheiro na folha de pagamento, cálculos no orçamento para os clientes ou prejuízo nos lucros finais. E, segundo, o planejamento estratégico de uma organização tem papel fundamental nas operações e no dia a dia de trabalho, fato que atinge a todos, sejam eles estagiários ou diretores. Para cada crise, há uma solução urgente a ser encontrada. Verbos como “encaminhar” ilustram bem os sinais da burocracia universitária.

Além disso, tudo é mapeado e registrado em planilhas de resultados e são elas que vão avaliar seu desempenho diário e rendimento semestral. É o chamado “Contrato de Gestão”. Assim que o assina, o funcionário estabelece junto ao gestor as metas, tarefas, desafios e ações a serem cumpridas. É uma espécie de auto gerenciamento de carreira. E cada tópico é medido em porcentagem e avaliado pelo setor de Recursos Humanos junto ao seu superior direto. O resultado é, se atingida a média de 85%, você é contemplado com um curso de sua escolha ou horas livres de trabalho.

Minha crítica a este método de avaliação passa pelo fato de que se por um lado você é constantemente seduzido pelas condições e novas práticas administrativas que oferecem um ambiente agradável de trabalho, por outro você é induzido a alimentar a individualidade e a competição. Cada funcionário é constantemente pressionado pelo tempo das entregas, que muitas vezes se choca com a agenda de eventos e atividades diárias “de bem estar” (ginástica laboral, por exemplo).

O desenvolvimento de talentos<sup>13</sup> é tema de eventos durante todo o ano, mas ao final de cada semestre, toda a sua individualidade, subjetividade e iniciativas são apenas medidas em porcentagens que não são calculadas por unidade de trabalho, ou seja, a partir de métodos quantitativos precisos, mas apenas por impressões gerais. A própria empresa fica no limbo sobre como incorporar as novas tendências da Administração aliadas aos prazos de entregas de produtos e serviços. Como defende Richard Sennett (1999) – “(...) a nova ordem impõe novos controles, em vez de simplesmente abolir as regras do passado – mas também esses novos controles são difíceis de entender. O novo capitalismo é um sistema de poder muitas vezes ilegível.” (SENNETT, 1999, p. 10)

---

<sup>13</sup> Talento também é outro termo naturalizado no contexto empresarial. Pelo desenvolvimento de talentos entende-se não somente o foco na função, mas na formação e desenvolvimento do funcionário dentro da empresa. Por isso o estímulo às especializações e a criação de programas de benefícios de rendimento, por exemplo.

Este controle de desempenho é o que a empresa chama de Gestão de Talentos, em que você visualiza que é o próprio responsável pelos caminhos de sua carreira. A sensação é de uma espécie de confusão, uma vez que a mensuração de seu desempenho nunca é algo dado sob os mesmos parâmetros. É o que Sennet (1999) afirma como o maior impacto dessa nova flexibilidade do mundo do trabalho – o impacto sobre o caráter pessoal.

Caráter são os traços pessoais a que damos valor em nós mesmos, e pelos quais buscamos que os outros nos valorizem.

Como decidimos o que tem valor duradouro em nós numa sociedade impaciente, que se concentra no momento imediato? Como se podem buscar metas de longo prazo numa economia dedicada ao curto prazo? (SENNET, 1999, p. 10)

Questões estas que acredito que não devam ser ignoradas, mas tratadas ao longo da diversidade de experiências profissionais e pessoais que um indivíduo passará pelos anos. Como comenta Maria Soledad E.A.Gomes (2002), não há separação entre nossas esferas institucional e subjetiva – “Quando estamos no campo das relações de trabalho, estamos conectados com várias dimensões da existência.” (GOMES, 2002, p.50)

Posso dizer que passei por um período de amadurecimento bastante rápido neste contexto. De certa maneira vinha de encontro a uma angústia em relação ao fim da graduação, pois percebia que ao longo do curso estava sendo preparada cada dia mais para a própria faculdade e não para o mercado de trabalho. Aí está a importância de desde muito cedo se engajar em projetos de extensão, bolsas de pesquisa e então sim, procurar estágios fora do ambiente universitário. Teoria aplicada na prática e prática inspirando a teoria, é isso que tem me movido.

### Descobrimo a pluralidade interventiva do cientista social

O campo hoje é tema de interesse de pesquisadores. Segundo estudo sobre o perfil profissional dos egressos de Ciências Sociais da UFSC (MICK et al., 2012), já citada nesse Relatório, a maioria dos estudantes não têm perspectivas de ingresso no mercado de trabalho. Durante o curso ou mesmo com o diploma de graduação, a formação não parece suficiente para a atuação fora do circuito acadêmico. E entre as

críticas mais latentes, estão a falta de ligação entre a universidade e o setor privado e ainda a falta de aplicabilidade das pesquisas desenvolvidas. Este tipo de estudo é relevante, porque dá sinais de que há a necessidade de refletir sobre o cientista social no mundo laboral. Desde o ingresso na Universidade, até o fim da formação, praticamente só se ouve a respeito da atuação acadêmica ou escolar do cientista social. Aliás, o máximo que chega às rodas de conversa e algumas palestras, é a possibilidade de trabalho no Ministério Público, em estudos de caso, demarcação de terras, mapeamento de pequenos povos, construção de laudos, dossiês e coisas do tipo.

Se levadas em conta, as críticas dos egressos à escassa inter-relação entre o curso e o mercado de trabalho podem conduzir à concepção de uma política de intensificação dos vínculos entre universidade e sociedade (e, nela o mercado de trabalho). Essas parecem ser as principais demandas apresentadas ao curso pelos egressos entrevistados: suprir as lacunas de informação e reflexão crítica sobre o mercado de trabalho na área durante o processo de formação; tomar iniciativas institucionais para ampliar as oportunidades para os profissionais da área. (MICK et al, 2012, p. 383)

Perceba que não se trata somente de citar a necessidade de vínculos com o mercado, mas com o que está para além da universidade, afim de ampliar a atuação e reconhecimento de nossa profissão. Ao mencionar, então, nossa presença em agências de Publicidade e Propaganda ou empresas de pesquisa de comportamento de consumo e tendências, o clássico estereótipo se instala imediatamente - “Ah, você foi para o lado mau da força!” - Sim, ouvi essa frase inúmeras vezes de diversas pessoas. Ora, como bem reflete Edmundo Campos Coelho (1999, p. 24), as profissões que normalmente são praticadas de forma autônoma ou em meio acadêmico, não se transformam se praticadas em empresas – “(...) as condições estritamente individuais do exercício profissional não se confundem com os atributos corporativos de uma profissão”. Elas podem ser reeditadas, no sentido de enfatizar algumas atuações e abordagens em detrimento de outras, mas em sua base categórica e estrutural, não se modificam.

Há a recorrente imagem do cientista social em frentes de luta, defendendo o passe estudantil, por exemplo, ou ainda a imagem de intelectual centrado em outras causas, como a ambiental, ou a causa indígena, ou a dos trabalhadores sem terra, ou a dos pequenos agricultores familiares, ou dos assentados, dos desempregados, entre

tantas outras causas de populações, sobretudo as mais vulneráveis. Então, durante minha experiência de estágio, me perguntava – porque não explorar a inserção em outros campos laborais? Haja vista, por exemplo, a riqueza de aprendizados que podem ser construídos pela transversalidade de atuação de um profissional de nossa área no mercado. Em uma das entrevistas de seleção de meu estágio, a recrutadora me perguntou porque deveria contratar um estudante de Ciências Sociais para trabalhar com pesquisa de mercado setorial. A primeira frase de minha resposta foi - “Eu me interessava por pessoas e as relações que desenvolvem. As relações entre mercado e comportamento de consumo, são antes de tudo, relações entre papéis desempenhados por indivíduos em dadas situações e como parte de certas instituições, mercados, até mesmo valores. ”

Vale dizer que mais do que um contexto de disputa de espaços profissionais, busquei apreender o máximo de conteúdo possível dos diversos profissionais de inúmeras áreas que convivi durante um ano de estágio. Além de pesquisa de mercado e análise de informação, aprendi coisas relacionadas à Arquitetura da Informação, Design, Design Thinking, Marketing, Monitoramento de mídias, planejamento de negócios, etc.

E esta era a minha missão, descobrir um campo em expansão e experimentar a plasticidade de nossa profissão e atuação. Um grande facilitador disso, foi a própria estrutura do programa de estágio que tinha como meta para cada estagiário da empresa, a implementação de um projeto piloto aliando algum conhecimento adquirido na universidade na resolução de algum problema, demanda ou na melhoria de algo interno, algo aplicável nos processos de trabalho.

A agenda para isso era a criação de um projeto e a construção de um planejamento para o mesmo, estimando prazos, entregas, formato do produto, retorno financeiro e em relação ao impacto no relacionamento e na experiência de usabilidade com o cliente, etc. É o chamado PD&I (Projeto de Pesquisa, Desenvolvimento e Inovação). Reuniões quinzenais eram feitas para acompanhamento do andamento de seu projeto e para a solução de possíveis contratempos no trabalho.

O meu PD&I foi o desenvolvimento de uma Netnografia<sup>14</sup> (etnografia no meio

---

<sup>14</sup> Netnografia é uma metodologia de pesquisa influenciada pela Antropologia Cultural e pelos estudos Culturais, criada por Robert Kozinets em 1998. Segundo o professor de Mídias Sociais e Marketing trata-se de uma “etnografia adaptada ao estudo online de comunidades” (KOZINETTS, 2002, p.1) de consumidores. Tem sido cada vez mais utilizada por grandes marcas como, IBM, American Express, Coca Cola, Beiersdorf (Nivea), BMW, Adidas, Melissa, Nike, Dove, entre outras.



virtual, na internet) e sua implementação setorial baseada nos princípios da Inteligência Competitiva. A Netnografia tem sido uma metodologia cada vez mais utilizada em pesquisas de comportamento de consumo, mas ainda não era aplicada à entrega de informação estratégica setorial na empresa. É mais uma ferramenta para entender o que o consumidor espera e demanda das marcas, produtos ou serviços e o que poderia/ poderá ainda demandar. A Netnografia faz da projeção de cenários algo mais apurado e enriquece a possibilidade de arranjos de mercado, fazendo surgir novos insights para ações, soluções e novas parcerias.

### **O caminho entre a competição e a legitimação - sobre a capacidade de interação, movimento e mudança das Ciências Sociais no estágio**

Como citei anteriormente, o ambiente de trabalho agregava profissionais de diferentes áreas e níveis de formação. Estagiários sentavam ao lado de seus gestores e assim por diante. A estrutura física do ambiente não privilegiava um ou outro pelo seu cargo, salvo por algumas exceções de acordo com o tempo de trabalho na empresa – “quanto mais velho por lá, maiores os direitos de ter a melhor mesa no departamento”. Era algo implícito, mas alguns gestores comentavam e era o que se esperava da dinâmica de ocupação do espaço.

Sobre à interação entre os colegas, era interessante perceber como as disputas de poder de conhecimento aconteciam entre as classes de formação e não necessariamente de acordo com o grau hierárquico – entre os bibliotecários e os administradores, entre os economistas e engenheiros da informação, entre os publicitários e os relações públicas e assim por diante. E desde o meu primeiro dia de trabalho, percebi que meu exército seria de uma pessoa só – eu era a única da área de Ciências Sociais em toda a empresa. Todavia, este também foi contexto de aprendizado sobre como uma profissão, seus profissionais e agentes poderiam se organizar. Eliot Freidson, citado por Edmundo Campos Coelho (1999, p. 25) explica que –

(...) ‘profissão’ é mais que uma coleção de indivíduos a transacionar no mercado seja com empregadores, seja com clientes individuais, pois existe uma dimensão corporativa que se manifesta em formas de associação e em ‘abrigos’ institucionais criados na economia política. E tanto a forma como se

organizam coletivamente quanto suas peculiares instituições contribuem para a privilegiada posição dos profissionais no mercado, sejam eles autônomos ou assalariados.

Perceba que há uma dimensão nas profissões que passa pela organização política para a definição do campo, as Ciências Sociais não têm feito isso como outras áreas – Direito, Serviço Social e Jornalismo, por exemplo.

Coelho ainda completa –

(...) o traço importante que distingue as ‘profissões’ em sua dimensão corporativa seria, em primeiro lugar, a capacidade de auto regulação coletiva; em seguida, e estritamente associada à dimensão anterior, uma certa capacidade de regular o mercado de prestação de serviços profissionais, sobretudo pelo lado da oferta, oferecendo algum tipo de ‘proteção’ aos seus membros. Um monopólio (...) (COELHO, 1999, p.25)

Como bem lembra Maria Bonelli (1993, p. 43) “geralmente as profissões contam com as estruturas de representações dos interesses de seus membros”, mas confesso que levei tempo para perceber onde estaria a representatividade oficial de um profissional das Ciências Sociais trabalhando com pesquisa de mercado<sup>15</sup>. Aliás, esta é uma área que reflete significativamente fenômenos de competição intra e interprofissionais, uma vez que reúne profissionais como estatísticos, sociólogos, psicólogos, etc. E vale salientar que, ainda segundo a autora, entre eles além de espaços são disputados as perspectivas de pesquisa e o tratamento do objeto. Porém um fator de luta em comum é o reforço da importância da pesquisa como essencial à qualquer ação anterior à publicidade. (BONELLI, 1993)

E durante um período, era exatamente isso que vivenciava diariamente no trabalho. Havia uma tensão entre os pontos de abordagem dos diferentes profissionais. Problema que foi melhorado quando começamos a fazer grupos de estudos. Eram encontros semanais para discutirmos alguns *gaps* e demandas da agenda de trabalho, foi quando sugeri que ampliássemos nosso arsenal de métodos de pesquisa. Passei a

---

<sup>15</sup> Associação Brasileira de Pesquisadores de Mercado, Opinião e Mídia (ASBPM) é a organização que representa a classe de pesquisadores provenientes de diversas áreas de formação, como as Ciências Sociais. Para maiores detalhes acesse: <http://www.sbpem.org.br>

acompanhar empresas referências na área como a Kantar Worldpanel<sup>16</sup>, Nielsen Company<sup>17</sup> e TNS Global<sup>18</sup> e percebia como estavam anos luz a nossa frente. Levei um artigo sobre técnicas de pesquisa em Inteligência Competitiva e sugeri que discutíssemos e colocássemos em prática, uma metodologia a cada encontro. Foi um bom início para o diálogo complementar entre a equipe. Ao final da discussão desse artigo, cada um se encarregou de trazer outros olhares e abordagens. Cada colega passou a conhecer melhor o trabalho do outro, apesar de não deixar de manter certa atitude defensiva, mas buscando aprendizado.

Esse passou a ser um fator positivo de se ter uma equipe multidisciplinar. E talvez a iniciativa do grupo de estudos também tenha sido influenciada pela presença das Ciências Sociais naquele ambiente. Ao longo de nossa formação nos convidam a buscar um diálogo entre as três disciplinas pilares do curso – Sociologia, Antropologia e Ciência Política – que apesar de ser uma tentativa que está sempre em nosso horizonte, não é sempre bem sucedida. Como analisa Bonelli (1993) a seguir –

O microcosmo das Ciências Sociais ilustra como a competição e o conflito compõem suas relações internas, ao mesmo tempo que garantem seu funcionamento no sistema profissional. Na lógica sob a qual opera, participam tanto aqueles que ocupam posições no palco da profissão atuando diretamente nela, quanto aqueles que a olham mais à distância, como uma audiência indispensável à sua performance e avaliação. (BONELLI, 1993, p. 15)

A competição entre as áreas parece muito mais poderosa que a tentativa de diálogo, uma vez que a especialização ou direcionamento disciplinar impõem-se

---

<sup>16</sup> Kantar Worldpanel é uma das líderes mundiais em pesquisa de mercado, concorrente direta da Nielsen Company. No Brasil, neste ano de 2014 está expandindo consideravelmente suas operações diretas de amostras de lares em 40%. Para maiores informações acesse - <http://www.kantarworldpanel.com/br>

<sup>17</sup> Nielsen Company é uma das empresas líderes na pesquisa de mercado, com sede nos Estados Unidos da América, atua em mais de 100 países. Nos Brasil também tem parceria com o Instituto IBOPE. Para maiores informações acesse - <http://www.nielsen.com/br>

<sup>18</sup> TNS Global atua no Brasil há 25 anos e também ocupa liderança entre as maiores do mundo. No Brasil, fundiu suas operações com a Research International tornando –se líder mundial em pesquisa customizada. Suas especialidades estão entre Pesquisa Qualitativa e Inovação. Para maiores informações acesse - <http://www.tns-interscience.com.br>

constantemente. Tinha a impressão de que essa competição passou justamente do campo interno para o externo. Diariamente eu sentia que havia a necessidade de legitimação do meu saber enquanto cientista social, e uma vez provado, ele era constantemente posto à prova novamente por colegas de trabalho de outras áreas. Alguns cursos, mais do que outros, têm dificuldades no reconhecimento de suas possibilidades de atuação. É o que Coelho (1999) sustenta como o tipo de eficiência que deve ser comprovada na prática profissional, situação que vai além da regulamentação do curso e autorização do Conselho responsável. É o caso das Ciências Sociais, que na ausência de uma organização forte de classe, passam pela necessidade de demonstração de práticas de perícia constantes.

## **Reflexão Final**

### **Identidades e Papéis profissionais**

Pode-se dizer que os cientistas sociais posicionam-se em constante experimento e em busca pelo entendimento de mudanças cujos efeitos são imprevisíveis. Para Benito e Manríquez (2004), a Sociologia é uma forma de autoconsciência científica da realidade social, não deixando de trazer à memória, claro, a Reflexividade de Bourdieu (1998).

Para entender a peculiaridade deste chamado à compreensão de realidades em constante transformação, é preciso lembrar o lugar desse fazer. É a partir da segunda metade do século XX que os cientistas sociais passaram a exercer a profissão em sua estrutura clássica. Porém, mais relevante ainda é entender o foco de análise desse nicho - “os cientistas sociais da América Latina têm como uma de suas principais preocupações a compreensão das mudanças sociais determinadas pelas condições de desenvolvimento da região”. (BENITO, MANRÍQUEZ, 2004, p.19) Ou seja, as maiores lutas de nossa área na América do Sul, são de cunho político e social, e não direcionadas ao entendimento de mercados consumidores, por exemplo. Talvez esteja aí uma possível explicação para o estranhamento da atuação do cientista social em meio não acadêmico.

Contudo, com o passar dos anos, após consecutivas mudanças políticas e econômicas, o estímulo e o surgimento de novas demandas de consumo, modificam-se

os papéis e posicionamentos profissionais nas sociedades. As oportunidades são multiplicadas na medida em que se tornaria imperativo também, repensar e reconfigurar “as novas versões do ofício” do cientista social, em espaços públicos ou privados. (BENITO, MANRÍQUEZ, 2004, p.21)

Considerando ainda os itinerários do Novo Capitalismo na era informacional, Manuel Castells (1999) nos ajuda a refletir –

Poderíamos até mesmo formular a hipótese de que conforme a atuação em rede e a flexibilidade se tornam características da nova organização industrial e conforme as novas tecnologias possibilitam que as pequenas empresas encontrem nichos de mercado, assistimos ao ressurgimento (...) da situação profissional mista. Dessa forma, o perfil profissional das sociedades informacionais, de acordo com sua emergência histórica, será muito mais diverso que o imaginado (...) (CASTELLS, 1999, p. 285)

As mudanças de posicionamento são constantes e refletem as variações nas trajetórias individuais e de carreira. (VELHO, 1980) Não se trata de inconstância nas escolhas, mas apenas uma maneira diferente de traçar a própria experiência. A reação de estranheza de colegas de curso quanto à minha escolha de atuação, é reflexo de um “processo contínuo de confronto”, que Gilberto Velho ainda explica haver em todas as áreas profissionais de uma forma ou de outra – “(...) qualquer área do conhecimento pode ser interpretada como um processo contínuo de confrontação entre ortodoxos e heréticos.” (VELHO, 1980, p 13)

Neste contexto de dualidade, seria eu uma herege? Portanto, insisto que disputas tão marcadas como esta não criarão diálogos mais democráticos ou novas saídas em direção a uma ciência mais sintonizada com as transições que trouxe a contemporaneidade. Como defende a pesquisa sobre o perfil do egresso na UFSC, “ (...) A Sociologia deve identificar novas pontes importantes de trabalho e pesquisa, propor alternativas e soluções, mas também reconstruir e repensar constantemente seu papel na sociedade. ” (MICK et al., 2012, p. 349)

O curso de Ciências Sociais da UFSC tem tentado acompanhar esta tendência e já fez algumas modificações na estrutura curricular, a começar pela revisão do Projeto Político Pedagógico (PPP) do curso e em seguida, pela implantação de disciplinas que estimulam o contato do aluno com núcleos de pesquisa e com o desenvolvimento das

mesmas, desde a fase de planejamento até a análise de dados coletados em campo. Mick (2012) argumenta que a reformulação do PPP é uma resposta. Consultando esse documento registra-se que, “às mudanças sociais aceleradas que atingem o processo educacional no seu conjunto incidem particularmente nas metodologias educacionais, no perfil do aluno ingressante e nos diversos espaços de atuação profissional dos cientistas sociais.” (UFSC, 2006, p. 5)

Não menos importante é reconhecermos que em meio às transformações – além dos cenários de competição tratados anteriormente – surgem tensões identitárias entre os profissionais. (BENITO, MANRÍQUEZ, 2004, p.22) Estes, por sua vez acabam por reeditar suas experiências enquanto fruto da intersecção com outras áreas do conhecimento, outros campos de disputa. O desfecho desta dinâmica acredito que seria através da superação da realidade profissional de hoje e principalmente pela projeção de novas “prioridades de formação, definir novas competências que devem adquirir e desenvolver jovens sociólogos em um contexto extremamente adjetivado como profundamente mutante”. (Idem)

Como nos diz Amadeo e Rojas (2010, p. 164), ao citar Monteiro (1999) –

Estamos diante de uma intensa busca de formas alternativas de pensar, que sugerem outras formas de ver, interpretar e atuar sobre o mundo. Estas formas alternativas partem de novas concepções sobre a forma de produzir conhecimento. Em primeiro lugar questionando e redefinindo o papel do pesquisador social, e reconhecendo o sujeito-objeto da pesquisa como sujeito social e construtor do conhecimento. Em segundo, aceitando o caráter histórico, indeterminando o inacabado do conhecimento, assim como a multiplicidade de vozes e a pluralidade epistêmica. Em terceiro, partindo de uma concepção de comunidade e de participação, assim como de saber popular, como formas de constituição e, ao mesmo tempo, como produto de uma *episteme* relacional. Por último, a ideia de libertação através da práxis, que pressupõe a mobilização de uma consciência e de um senso crítico que levam à desnaturalização das formas canônicas de aprender e de construir o mundo.

Meu balanço neste término de graduação segue em direção a certeza de que não há respostas determinantes e inequívocas, porém segue a necessidade de permanecermos abertos a, como bem reflete Wallerstein (2006), impensarmos as

Ciências Sociais e além disso, impensarmos nosso próprio papel enquanto sujeitos produtores desta ciência. Impensar e não apenas repensar. Este primeiro movimento (o de impensar) remete a buscarmos outros parâmetros, outros lugares de intervenção, outras formas de interação com a sociedade e conseqüentemente com o mercado. Enquanto graduanda do curso de Bacharel em Ciências Sociais, sigo disponível a continuar cometendo as heresias necessárias ao alargamento das fronteiras do saber aplicado. Mas sigo acreditando que hereges, neste nosso caso, na verdade são aqueles que se negam às possibilidades.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALMEIDA, M. F. **A prática sociológica como modo de vida: história e biografia no trabalho intelectual.** São Carlos, SP. Teoria & Pesquisa, 2009. Vol. 18, p.119-143.

AMADEO, J.; ROJAS, G. **Social Sciences and the praxis of knowledge.** São Paulo, Perspectivas, 2010. Vol.38, p.143-170.

BONELLI, Maria da Glória. **Identidade profissional e mercado de trabalho dos cientistas sociais: as Ciências Sociais no sistema das profissões.** Tese de Doutorado, Unicamp, 1993.

\_\_\_\_\_. **O mercado de trabalho dos cientistas sociais.** Revista Brasileira de Ciências Sociais. São Paulo, 1994. N. 25.

\_\_\_\_\_; DONATONI, S. **Os estudos sobre as profissões nas Ciências Sociais brasileiras.** Revista Brasileira de Informação Bibliográfica em Ciências Sociais, 1996. Vol.41, p. 109-142.

BOURDIEU, Pierre. **Sur la Télévision (suivi de L'emprise du Journalisme).** Paris, Liber Editions, 1996. p.16.

\_\_\_\_\_. **Introdução a uma sociologia reflexiva.** In: O poder simbólico. Rio de Janeiro, Bertrand Brasil, 1998. p. 17- 58.

\_\_\_\_\_; CHAMBOREDON, J. C; PASSERON, J. C. **A profissão do sociólogo: preliminares epistemológicas.** Petrópolis, Vozes, 1999.

\_\_\_\_\_. (1989) **A socioanálise do sociólogo.** In: O campo econômico: a dimensão simbólica da dominação. Campinas, Papius, 2000.

CASTEL, Robert. **As metamorfoses da questão social: uma crônica do salário.** Petrópolis, RJ: Vozes, 1998.

CASTELLS, Manuel. **A sociedade em rede.** 1999. Vol. I.

COELHO, Edmundo Campos. **As profissões imperiais - medicina, engenharia e advocacia no Rio de Janeiro (1822-1930).** Rio de Janeiro, Record, 1999.

FERREIRA, Aurélio Buarque de Holanda. **Dicionário Aurélio Básico da Língua Portuguesa Online** - versão online disponível em - <http://www.dicionariodoaurelio.com/Intervencao.html>. Último acesso em 13 de maio de 2014.

FRUET, Helena. **Grandes empresas recrutam Antropólogos.** Você S/A, Jun.15.2013 Disponível em: <http://exame.abril.com.br/revista-voce-sa/edicoes/180/noticias/antropologos-corporativos?page=2>. Último acesso em 13 de maio de 2014.



GIDDENS, A. **Sociologia, uma breve porém crítica introdução**. Rio de Janeiro, Zahar. 1984.

GOMES, Maria Soledad Etcheverry de Arruda. **Empregabilidade nos tempos da reestruturação e flexibilização: trajetórias de trabalho e narrativas de ex-empregados do setor elétrico brasileiro**. Rio de Janeiro, M. S. E. A. Gomes, 2002. Tese (doutorado). Instituto de Filosofia e Ciências Sociais, UFRJ, Rio de Janeiro, 2002.

GÓMEZ, J. y SANDOVAL, M. **Más allá del oficio de sociólogo: Nuevas identidades, prácticas y competencias en el campo profesional**. Santiago, Ediciones Universidad Católica Silva Henríquez. 2004.

KOZINETS, Robert V. **The Field Behind the Screen: Using Netnography for Marketing Research in Online Communities**. Journal of Marketing Research. 2002. p. 61-72.

MALINOWSKI, B. **Os Argonautas do Pacífico Ocidental**. Malinowski, Coleção Os Pensadores. São Paulo, Abril Cultural. 1976.

MICK, J.; DIAMICO, M. S.; LUZ, J. R. **O perfil do egresso do curso de Ciências Sociais da UFSC (2000-2009)**. Mosaico Social, 2012. Vol. VI, p. 347-386.

MONTEIRO, M. **Paradigmas, conceptos y relaciones para una nueva era: cómo pensar las Ciencias Sociales desde América Latina**. Caracas, Dirección de Estudios Post-graduação, Facultad de Ciencias Económicas y Sociales, 1998.

SCHWARTZMAN, Simon. **A sociologia como profissão pública no Brasil**. Conferência preparada para o 14º Congresso Brasileiro de Sociologia. Rio de Janeiro, 2009.

SENNETT, Richard. **A corrosão do caráter: as consequências pessoais do trabalho no novo capitalismo**. Rio de Janeiro, Record, 1999. 204p.

TORINI, Danili Martins. **Formação e identidade profissional: trajetória de egressos de Ciências Sociais**. Dissertação (Mestrado em Sociologia). Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, SP, 2012.

UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA. Curso de Ciências Sociais – **Projeto político pedagógico**. Florianópolis, SC, 2006. Disponível em: <<http://www.cfh.ufsc.br/gradCienciasSociais/ppp.pdf>>. Último acesso em: 20 de maio de 2014.

VELHO, Gilberto. **O antropólogo pesquisando em sua cidade: sobre conhecimento e heresia**. In: O Desafio da Cidade – Novas perspectivas da Antropologia Brasileira. Rio de Janeiro, Campus, 1980. p 13-22.

WACQUANT, L. **Seguindo Bourdieu no campo**. Revista de Sociologia Política, junho/ 2006. N. 26, p. 13- 29.

WALLERSTEIN, I. **Impensar a Ciência Social: os limites dos paradigmas do século XIX.** São Paulo, Ideias & Letras, 2006.